

## DA FILOLOGIA, DA GRAMÁTICA COMPARADA, DA NEOGRAMÁTICA À HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Dr. Sebastião Elias MILANI<sup>1</sup>

**RESUMO:** O que significa estudar Historiografia Lingüística? Evidencia-se a ciência que estuda sob a luz da historiografia objetos teóricos advindos da teorização de língua e linguagem. De qualquer ponto de vista, sendo esse objeto teórico da ordem gramatical ou da ordem geral, sempre resulta em texto ou de um texto. Quando se pensa numa ciência que englobe todo pensamento teórico sobre língua ou linguagem, tendo como objeto de estudo tanto seres humanos individuais enunciados, como teorias ou conceitos enunciados por um indivíduo ou por vários, tem-se que é preciso definir um método que inclua todas as correntes de pensamento estruturado lingüisticamente. Por essa ordem metodológica seria possível penetrar na estrutura de uma obra, verificando seus conceitos e as fontes refratadas, isto é, essa obra sincronicamente como refração de uma diacronia legível em suas linhas, e seria possível perceber a estrutura de um conceito, ao longo de uma diacronia, as contribuições individuais nas diversas vezes que fora enunciado. Logo, a proposta que parece mais homogênea é a que se vem praticando por vezes *Historiografia Lingüística*. O termo propõe que essa ciência estude sob o prisma da individualidade estruturada em discurso a conceituação geral da Lingüística, fazendo uso de sua terminologia e de seus conceitos. Logo, o que se pratica como ciência, nesse caso, é a Lingüística, e o aparato teórico metodológico é o da Historiografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia Lingüística; Metodologia; Linguagem.

### Apresentação

O problema de instituir uma ciência é que tudo se interpõe no caminho. O que significa estudar historiografia lingüística ou historiografia da lingüística ou historiografia aplicada à Lingüística ou aos estudos da linguagem? Por onde se começa há sempre um obstáculo a ser ultrapassado e, definitivamente, é preciso superar e nomear de uma forma autorizada o que aqui se defende. O que se quer evidenciar é a ciência que estuda sob o prisma da historiografia objetos teóricos advindos da

---

<sup>1</sup> UFG, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Lingüístico e Literário. Rua Mármore, lote 06, casa 02, quadra 39, Goiânia 2, 74663-420, Goiânia, Goiás, Brasil. sebas@letras.ufg.br.

teorização a partir do texto. De todo modo que se observa, sendo esse objeto teórico da ordem gramatical ou da ordem geral, sempre resulta em texto ou resulta de um texto, portanto, é sempre comunicação instituída como texto.

Como querem alguns, *Historiografia lingüística*, sendo o estudo da língua como objeto historiográfico, parece inadequado porque qualquer estudo dessa natureza partiria de um texto, não há lógica que permita o estudo diacrônico da língua que não fosse estabilizado em texto, porque não existe outro modo da língua existir. A língua como objeto historiográfico somente existiria pela ótica de sua gramática, não há como estudar a língua desvinculada de uma teoria que a estabilize, portanto, desse ponto de vista estudar a língua é estudar uma teoria que *metaformalizou* essa língua.

Como querem outros, *Historiografia da lingüística*, esse composto provoca uma situação insustentável. Nesse caso, pela lógica da análise sintática estrutural, tem-se um substantivo, núcleo significativo, modificado por um adjunto adnominal, informação secundária. Logo, se a historiografia é um modelo teórico tem-se que a partir da preposição *da* pode-se colocar qualquer complemento que venha a ser estudado pela metodologia da historiografia: *Historiografia da Gramática Comparada*, *Historiografia dos estudos da linguagem*, *historiografia da história*, etc., enfim, passa-se a fazer historiografia aplicada a um objeto escolhido.

Quando se pensa numa ciência que englobasse todo pensamento teórico sobre língua ou linguagem, tendo como objeto de estudo tanto seres humanos individuais enunciados, como teorias ou conceitos enunciados por um indivíduo ou por vários, tem-se que é preciso definir um método que englobe e inclua todas as correntes de pensamento lingüisticamente estruturado. Por essa ordem metodológica seria possível penetrar na estrutura de uma obra, verificando seus conceitos e as fontes refratadas, essa obra sincronicamente como refração de uma diacronia legível em suas linhas, e seria

possível perceber a estrutura de um conceito, ao longo de uma diacronia, as contribuições individuais nas diversas vezes que fora enunciado.

Logo, a proposta que parece mais homogênea é a que se vem praticando por vezes Historiografia Lingüística, com os dois termos em maiúsculas. O primeiro fazendo referência à ciência que estuda a estrutura individual do discurso. O segundo fazendo referência aos modelos teóricos que têm como objeto de estudo a língua e a linguagem. O termo composto derivado propõe que essa ciência estude sob o prisma da individualidade estruturada em discurso a conceituação geral da Lingüística, fazendo uso de sua terminologia e de seus conceitos. Logo, o que se pratica como ciência, nesse caso, é a Lingüística, e o aparato teórico é o da Historiografia.

O objeto de estudo da Historiografia Lingüística é o texto. O texto como monumento, ou seja, reconhecido por representar um pensamento dentro de uma sociedade e por ser produzido em uma língua. Ele é fato produzido por uma enunciação, indivíduo formado por uma estrutura ideológica e formador de outra estrutura ideológica. O texto e o indivíduo criador dele, historiográfico-lingüisticamente, são uma mesma ordem de conteúdo: o texto representa o indivíduo, porque é a refração de suas experiências, e o indivíduo é o responsável pelo texto, porque escolheu aquelas refrações e, às vezes, as reelaborou.

Assim, ao escolher um texto para estudar, o historiógrafo lingüista escolhe junto o conteúdo de uma época e de um lugar. Sua função será compreender esse texto como refração das fontes formadoras, da prática cultural e da ordem de coisas presentes no contexto do texto-discurso. Do recorte espaço-temporal da obra, do discurso produzido, cabe ao historiógrafo lingüista encontrar as fontes refratadas e a idiosincrasia iniciada, ou seja, separar com a máxima nitidez o que é social e o que é individual (inovador, às vezes) no texto.

Nesse objeto deve-se reconhecer nitidamente que o historiógrafo lingüista estuda o texto como fato social sincrônico e a língua como fato social diacrônico. O texto objeto físico representa, como forma e substância de conteúdo e de expressão, um tempo e lugar de enunciação. A língua é o elemento que transporta a cultura e vincula a enunciação às experiências moráveis de sua existência. Elas fazem o texto-discurso ser o que ele é sincronicamente: um produto de uma diacronia. Logo, o texto é objeto da Historiografia Lingüística como estrutura sincrônica e como estrutura diacrônica.

A Historiografia Lingüística aprendeu a ser o que ela é no mesmo lugar onde a Historiografia aprendeu a ser o que é e onde a Lingüística aprendeu a ser o que é: na Filologia, na Gramática Comparada, na Neogramática e, nas parceiras dessas ciências, na Filosofia, na História, na Sociologia, na Psicologia, na Gramática, etc.

## **Da Filologia**

A Filologia é a ciência que foi criada pelos gregos na época helenística, com o intuito de recuperar o formato dos textos da mitologia e da religião helena, que, deixados na tradição oral, estavam caindo no esquecimento. A história da Grécia antiga está justamente dividida nesses dois períodos, o heleno, no qual se desenvolveram os mitos e os textos que contavam suas façanhas, poder e sabedoria, mantidos e transmitidos na tradição oral, e o período helenístico, no qual um esforço viria ser feito no sentido de recuperar o formato original e correto desses textos, registrando-os por escrito, conforme escreveu Maria Helena de Moura Neves, na citação abaixo.

Passando ao período helenístico, veremos que a filologia, o “amor ao lógos”, tem diferente motivação e diferente expressão, mesmo porque lógos não significa o mesmo numa e noutra época. No período

helenístico, a cultura está apoiada em ensino e aprendizagem, e philólogos é, então, o estudioso, o bom leitor, já que, nesse momento, cultura já não se cria, só se recria, e isso se faz pela leitura. Em contraste com a época helênica, época de criação, em que floresceram a filosofia e a literatura, o que se busca, agora, é preservar (NEVES, 2002, p.20).

No período helenístico, no esforço de recuperação dos textos, o pensamento sobre linguagem se desenvolveu. A Gramática seria o formato do uso da língua, através dela podem-se estabelecer os processos de organização textual. A gramática desenvolvida pelos gregos antigos viria a ser a base de todo pensamento gramatical e a primeira teoria geral para as línguas. Filólogo e Gramático em geral eram as mesmas pessoas, mas a Gramática nasceu como uma teoria da Filologia. Então, ao lado do objetivo da Filologia, etimologicamente “amor ao lógos”, estava a Gramática que se dedicava aos mecanismos de regulamentação das relações entre os elementos do texto.

Segundo Bruno Bassetto (2005), filólogo é aquele que se dedica ao texto. Na modernidade são inúmeras as teorias que se dedicam aos estudos do texto, ou do discurso. Todas propõem terminologia de caráter descritivo para aquilo que compreende como a estrutura dos elementos do texto ou do discurso. Quando se fala em estrutura, significa as relações entre os elementos da língua, ou seja, uma Gramática. Logo, a prática filológica entre os estudiosos da linguagem é a mais comum - *lato sensu*, porque dela derivou todas as práticas textuais da modernidade. Indiscutivelmente, a Filologia é a ciência basilar de todas as formas de *metadiscurso* sobre linguagem e sobre língua da modernidade.

Especificamente, a Filologia tem metodologia desenvolvida diretamente para a abordagem do texto em circunstâncias em que esse texto não seja objeto de uma revisão de conteúdo, ou sócio-psicológica, como se faz na contemporaneidade, mas requeira

uma retomada consciente da estrutura formal e da representação do formato original, tanto do discurso, como do texto suporte para o conteúdo. Representada em manuais, essa metodologia é sempre dividida em *crítica textual*, *crítica histórico-literária* e *pormenorização*.

Na crítica textual, o objetivo é recuperar o formato original proposto pelo autor, ou chegar o mais próximo disso. Na crítica histórico-literária, visa-se a resolver os pontos obscuros do documento. Analisa-se o texto e o documento, bem como as fontes apontadas e as possíveis fontes para o texto, assim, chega-se a compreender o texto como um todo e como representação de um tempo e pensamento. Na pormenorização, fazem-se as explicações daqueles detalhes muito específicos, que os leitores possam não compreender. São explicações relativas à cultura da época e do local de produção do texto, referências a pessoas e a lugares, etc. que não existem mais ou que não estão facilmente acessíveis.

A Filologia é sem dúvida a mais antiga das ciências sobre a linguagem praticadas na modernidade. Passou por diversos períodos e diferentes objetivos e ganhou o formato que tem na modernidade durante o século XVIII. Entre os séculos XV e XVIII, período chamado de Iluminismo, a Filologia voltaria a ser praticada, como retomada dos estudos clássicos. Importantes estudiosos se aplicaram a explicar e recuperar o conteúdo das obras do período clássico Greco-latino, obscurecidos por muitos séculos de desordens política e educativa, chamado de “Idade das trevas”. Essa ciência, pensada na Grécia antiga, retomava seu lugar na ciência da linguagem. Esses novos filólogos faziam a ponte entre o conhecimento gerado pelos antigos e a civilização moderna que nascia.

São muitos os pensadores daquele século que são chamados de filólogos, mas o formato da Filologia moderna comumente se atribui a Christian Wolff. Essa ciência se

ligou à História, às artes, sobretudo à literatura e freqüentemente está intimamente relacionada à Arqueologia, são suas atribuições na lida com o texto que a faz parceira dessas outras ciências. Essa herança depurada pela chamada *Filosofia da linguagem*, faria nascer às metodologias romântico-modernas dos estudos sobre linguagem.

### **Da Gramática Comparada e da Neogramática**

A Gramática Comparada é considerada como o primeiro método de pesquisa dos estudos sobre linguagem. Ficou conhecida como tendo origem no século XIX na obra de Franz Bopp, mas, como processo, existia desde muito antes. No século XIX, as mudanças sociais e políticas permitiram questionamentos impossíveis nos séculos anteriores, dominados pela Santa Inquisição. Essas mudanças, realizadas pelo Iluminismo e formalizadas pela Revolução Francesa, são de extrema e fundamental importância para o nascimento das ciências modernas, as teorias evolucionistas não eram possíveis antes. Nos estudos sobre a linguagem, o marco inicial do pensamento moderno, foi o que comumente é chamado de a “descoberta do sânscrito”, a partir do qual se fez a hipótese do indo-europeu, e a Gramática Comparada nasceu como método científico.

História já muito conhecida “a descoberta do sânscrito” por William Jones não precisa ser repetida. Em seguida, o século XIX foi tomado pelo interesse nas culturas orientais. Essas culturas eram estudadas, sobretudo, no sânscrito e no chinês, a chamada “orientalomania romântica”. Segundo Ferdinand de Saussure, no *Curso de Lingüística Geral*, página oito da edição brasileira, o mérito de Franz Bopp teria sido o de descobrir que comparando línguas podia-se fazer ciência. Mas não é incomum, dizer-se que a

Gramática Comparada teve seu formato definitivo produzido pelos estudos de Jacob Grimm, pelos estudos de fonética comparada, que resultaria na lei da regularidade da evolução fonética, a chamada Lei de Grimm, o próprio Saussure, na página nove do *Curso*, o chama de “o fundador dos estudos germânicos”.

São nomes importantíssimos da Gramática Comparada, Friedrich Schlegel, August Schlegel, Ramus Rask, J. Adelung, Wilhelm Von Humboldt, August Schleicher, Hermann Steinthal, etc. Desses Humboldt destaca-se, por uma concepção marcadamente metodológica, preocupada muito mais com o fazer científico que com a descoberta em si. Humboldt se encontra no princípio do desenvolvimento do trabalho científico com método. Ele escreveu que se deve aprender uma língua estrangeira de cada vez, que se deve ensinar a língua materna ao povo, que se deve ensinar uma língua estrangeira para o povo, que se deve buscar nas origens das línguas as explicações necessárias para entendê-las e que se deve ter em mente com nitidez qual ciência se está estudando, além de se ter em mente regras básicas para o estudo que se está fazendo. Enfim, mais que uma Gramática Comparada, Humboldt faz um esboço da Linguística, a partir da Filologia de Hegel, Herder, Condillac, Kant, etc., porque se baseia em textos e produções literárias para, através deles, chegar a uma compreensão das línguas, sem, contudo, abandonar o elemento que impulsiona essas transformações: a inteligência humana. Segundo Paveau e Sarfati (2006, p.15), “é Bopp que, na Alemanha, paralelamente a Rask na Dinamarca, orientará a gramática comparada para o exame da organização morfológica das palavras (notadamente o nome e o verbo)”. Ainda no mesmo livro, os autores dizem que “Humboldt ocupa um lugar à parte no campo da gramática comparada... suas teorias desempenham uma concepção dinâmica e estrutural da linguagem” (*Idem*, p.16).



É preciso fazer menção ao objetivo historicista dos estudos da linguagem no século XIX, ao mesmo tempo à orientação filosófica antropocêntrica, fatos derivados do movimento Iluminista, que mudara a concepção de poder nos países europeus, conseqüentemente a noção de liberdade, que permitia buscar origens na natureza para a presença da vida no planeta e dos fatos ligados aos seres humanos. Em se tratando de estudos sobre a linguagem, o lingüista brasileiro Francisco da Silva Borba (2003, p.309) escreveu que “o programa fundamental da Lingüística Comparativa (=gramática comparativa) que se desenvolveu na Alemanha na primeira metade do século XIX objetivava agrupar as línguas porque elas são aparentadas e resultam de transformações naturais de uma mesma língua-mãe”.

São nomes importantes citados como neogramáticos, além de Friedrich August Schleicher, sempre colocado como aquele que gera a reação dos neogramáticos, William D. Whitney, Karl Brugmann, H. Osthoff, W. Braune, E. Sievers, Hermann Paul, August Leskien (*apud* Saussure, 1971, p.11). Além desses, destacam-se o próprio Ferdinand de Saussure, G. I. Ascoli, H. Osthoff e especialmente Georges Curtius, todos ligados à Universidade de Leipzig. No entorno desses humanistas que nasceria, sob a égide do positivismo de Auguste Comte, a reação ao modelo originário para as línguas, ou seja, a busca pela forma “mãe” para as línguas. Os neogramáticos discutem a diversidade das línguas geograficamente na face do planeta pelo processo de diversificação regular dos sons, ao longo do tempo. Saussure (1971, p.230) escreveu que “diversidade geográfica é, pois, um aspecto secundário do fenômeno geral. A unidade de idiomas aparentados só pode ser achada no tempo. Trata-se de um princípio de que o comparatista se deve imbuir se não quiser ser vítima de lamentáveis ilusões”.

Certo é que o caráter historicista da Gramática Comparada e da Neogramática está intimamente ligado à herança metodológica da Filologia românica e germânica.

Fortemente direcionadas para o caráter historicista, porém por perspectivas muito diferentes, tanto a Filologia, como a Gramática Comparada e a Neogramática apresentam um modelo de recuperação do papel do indivíduo nas línguas, essas metodologias científicas formam-se de um espírito antropocêntrico.

Eugênio Coseriu, no livro *Lições de lingüística geral*, propõe uma interessante divisão dos estudos da linguagem. Antes de qualquer discussão é preciso salientar o pioneirismo de Coseriu nos estudos historiográficos lingüísticos, todas as suas obras apresentam um caráter de levantamento dos dados, demonstrando o desenvolvimento dos estudos sobre linguagem e língua. Nessa obra, em específico, seu objetivo é evidentemente dar marcas para o amadurecimento científico que permitiu a concepção da lingüística moderna. O que ele diz respectivamente à Lingüística (moderna) seria cronologicamente os séculos XIX e XX, o ponto de partida é inevitavelmente Saussure, com o século XIX como suas fontes e o século XX como seus seguidores e opositores.

Segundo Coseriu (*op. cit.*, p.4), os estudos sobre a linguagem estariam divididos em períodos historicistas e períodos teorizadores. Numa sucessão de um e de outro, um período se tem metodologias de caráter teórico, em que se faz teoria, e outro, metodologias de caráter histórico. Assim, “das origens ao renascimento, teoria e descrição, do Renascimento ao século XVIII, comparação e história, no século XVIII, teoria e descrição, no século XIX, comparação e história, no século XX, teoria e descrição”. Por essa lógica, o período subsequente deve ser de comparação e história. Forçando um pouco a visão que se quer demonstrar aqui, devido a questões ambientais, e ao desenvolvimento de tecnologia na Química e na Eletrônica, nos últimos 30 anos, muito se tem estudado o passado, em todas as áreas – religião, artes, culturas -, sempre os resultados ressaltam os erros cometidos em nome do progresso, da ordem, do poder, etc. Não tem sido diferente nos estudos sobre língua e linguagem. Muitas são as teorias

que buscam novas visões para o texto-discurso. Elas são ordenações estruturais que visam a por em evidência características gramaticais antes nunca reveladas.

### **Nascimento da Historiografia Lingüística**

A Historiografia é uma teoria nascida na História, sob a esteira da chamada *Nova História francesa (Nouvelle histoire)*. Esse período de nascimento é datado de forma imprecisa na literatura especializada, mas, em geral, coincide com o final do século XIX e início do século XX, dentro do movimento científico que engloba toda a sociedade moderna: o estruturalismo.

A Historiografia ou a nova história, adotando-se definitivamente aqui o nome Historiografia, foi composta pelo movimento do Cientificismo que asseverou em definitivo a primazia da sociedade como um corpo de indivíduos produtora de si mesma. Fala-se nesse texto da Historiografia, do mesmo modo isso ocorrera em outras ciências humanas, cita-se nesse artigo propositadamente a Lingüística, e cita-se muito mais explicitamente que o signo se tornou social. São exemplos o conceito de Saussure, o de Bakhtin, o de Pierce, etc. Nesse ponto da evolução científica da sociedade, tudo confluía para a mesma idéia da sociedade como estrutura e sistema estruturado. Esse é um dado complexo de ser analisado, na medida em que se tem o incômodo de visualizar, ao mesmo tempo, a percepção de que tudo é ontologicamente estruturado e a realidade de que a estrutura não existe sem o homem, logo foi o homem quem estruturou epistemologicamente toda a sociedade. Pode-se citar Umberto Eco neste ponto da discussão, mas ele fez também a questão e não a resposta.

Importante não fugir à tese de que toda a sociedade está associada, nada no mundo funciona aleatoriamente. Tudo mesmo foi formado por um conjunto de elementos anteriores a si, e toda a produção sincrônica é fruto da ação diacrônica do conjunto anterior da sociedade humana, ou seja, nada e ninguém estão alheios ao que acontece no mundo, os efeitos de uma ação, em qualquer lugar, serão sentidos por todos de um modo ou de outro.

Muitas são as teorias que falam dos efeitos do passado sobre o presente, cada uma com uma especificidade, nesta discussão deve-se escrever sobre *a teoria das gerações* de Wilhelm von Humboldt (1830), da teoria do *signo ideológico* e da *refração do signo* de Mikhail Bakhtin (1929) e da *teoria da enunciação* de Émile Benveniste (1952). Esses teóricos são os apresentados nesse texto em função da intenção de atingir estudiosos da Historiografia Lingüística, porque muitos outros poderiam ser elencados e, em outras áreas, outros especificamente. Esse movimento surgiu no século XIX, e o exemplo mais citado em preleções dessa área é a discussão sobre a evolução dos seres vivos, as teorias evolucionistas que dominaram o século XIX.

Para ilustrar a descoberta do modelo estrutural de pensar a humanidade, em que tudo está implicado com tudo, pode-se citar Peter Burke, no livro *A escrita da história* (p.11): “a nova história começou a se interessar por virtualmente toda atividade humana. Tudo tem uma história; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado”. A Historiografia escava na estrutura de um fato documentado a contribuição desse documento e fato. Todo documento está composto de um conjunto de fatores sócio-individuais, ele conta muitas histórias: a que está dentro dele, a de si mesmo, a história de sua história e a história de seu criador.

A Historiografia Lingüística tem muitos parceiros, como a História, a Literatura, as artes, a Sociologia, a Filologia, a Psicologia, a Filosofia, toma emprestado de todas

essas áreas algo técnico, porque promove uma revisão do documento. Da História o conhecimento e reconhecimento dos grandes eventos, o ponto de vista do dominante. Da Literatura a estruturação da narrativa e os jogos de verossimilhança. Da Sociologia o conhecimento sócio-antropológico e os limites dos fatos e da realidade social. Da Filologia o reconhecimento da estrutura do documento e de sua relação física com o tempo. Da Psicologia os conceitos e compreensões do comportamento e do pensamento dos homens em sociedade e em isolamento. A Filosofia empresta toda sua história e sua compreensão da arte de pensar e de transformar pensamento em conceitos e em linguagens.

Como tudo tem uma história, o livro em si também tem. Mas sua história não se afasta da história de seu criador. O texto discurso, ou o livro, é uma máscara, ou um simulacro de seu criador. Então, no mesmo tempo que a Historiografia se interessa pelas mínimas e ínfimas historinhas, ela se interessa em juntar a ação dos grandes pensamentos com esses substratos sociológicos e intelectuais. Assim, seja qual for a obra, ela se compõe da interdisciplinaridade coletiva que, em ulterior análise, são os espaços sociais em que se juntam milhões de pensamentos. Assim, documento e linguagem tornam-se documentados e analisáveis, mas também se tornam uma única e singular obra completa em si mesma.

O ser humano não compreende a realidade, mas a parte que lhe é permitido observar e conhecer de uma realidade. O ponto de vista oficial geralmente expressa o foco de interesse de quem está no poder, ou seja, a classe que for a dominante. Quando se considera que a mente humana só compreende uma parcela da realidade, estruturada e enxugada pelas convenções, significadas totalmente na língua, o texto, em si mesmo, é tão somente uma parcela esquemática, realizada pelo viés de uma cultura; nesse caso, cultura de uma sociedade, de uma ordem de pensamento, de uma história individual e de

uma estória (narratividade semiótica), que precisa ser filtrada e sempre é sintetizada no nome do autor.

Quando o historiógrafo-lingüista se coloca diante do fato texto de ciência da linguagem, e faz uso de todos os recursos que o conhecimento humano pode lhe aprouver, o evento-texto deve ser reconstituído em todas as direções principiadas por uma hipótese ou questionamento. O relato dessa síntese é sempre uma estória plena de narratividade, permeada por inúmeras narrativas, que explicam o conjunto inteiro da obra. Nesse ponto da síntese não há muita diferenciação entre fato narrativizado e ficção, a verdade é um conjunto de pontos de vista que sempre pode ficar muito mais complexo e que permite preencher com novos fatos e ficção.

Na Historiografia Lingüística contar uma história, apoiando-se em fatos e mostrando a parcela da realidade que o texto ou a obra apresenta, significa empregar quase os mesmos recursos que a ficção empregaria para relatar uma estória que fosse puramente invenção. O que se depreende nesse ponto da discussão é que não existe ficção despregada de uma realidade e que não construa uma relação com a realidade e não existe texto historiográfico que possa se dizer relator da realidade. Por onde se comece a contar uma estória ou história, sempre se estará a meio caminho da realidade, mais veridictória ou menos, há sempre um fundo de verdade. Assim, a distinção entre uma síntese historiográfica lingüística de uma ficção está bem marcada na intenção filosófica e científica, grandemente no tema de que tratam os textos de Historiografia Lingüística, e evidentemente na preocupação racional de marcar o método de síntese.

A grande preocupação da Historiografia Lingüística é com as fontes construtoras da obra em questão. Pode-se verificar a incidência da formação do autor, enquanto nascido e formado em uma determinada região, pode-se verificar suas ideologias e traços psicológicos e sociológicos, mas o mais importante para qualquer obra científica,

ressaltando-se que a Historiografia Lingüística estuda monumentos da ciência da língua e da linguagem, são as fontes diretas e indiretas da obra em questão. Verificar quais seriam então as gerações anteriores ou a geração científica anterior àquela em estudo que teria gerado dentro daquele contexto os conceitos e o estilo daquela obra.

Os conceitos são marcados por traços de formação diretamente assimilados de obras anteriores, pensamentos pró e contra os conceitos são extremamente marcantes para o pensamento que realiza uma obra de carácter conceitual. Diretamente ou indiretamente, pode-se verificar a existência de gerações preceptoras que informariam conceitos afirmados e negados no seio da obra. Diferentemente de estudar uma obra de ficção, a obra científica deixa clara suas origem e filiação científica. Nenhum cientista nasce sem ter sido orientado por outro cientista, ou instituição científica. Tais instituições se fundem numa rede de pensadores que organizam uma corrente lógica e estruturada da qual nenhum pensamento científico escapa.

No interior do texto, nas entrelinhas, estará sua marca de interesses, ao mesmo tempo o universo das crenças, afirmadas ou negadas, e mais importante a concreta relação que a enunciação tem com certos conceitos. Em muitos casos o regate de uma fonte de uma geração antiga resulta na oposição de uma fonte mais recente, que se origina na mesma fonte mais antiga, mas nesse caso será quase sempre por uma visão oposta ou revisadora. De todo modo, não há fonte velha ou nova para a obra científica, em específico para os estudos da linguagem, que são muito antigos, o aprendizado é sempre novo, porque toda vez que se recupera uma obra antiga é pelo prisma de uma revisão datada de outras revisões anteriores, então, sempre nova ou sempre renovada.

Se não há uma realidade no texto, e é assim que a Historiografia Lingüística percebe a obra científica, mas uma mera e factual representação de uma realidade, a síntese deve ser sempre profundamente estruturada. O texto de carácter historiográfico

deve fazer uso de muitas explicações estruturais. É desse campo de pensamento, do processo de organização da língua e do pensamento, que são fórmulas inteiramente adaptadas entre si, que a estrutura se organiza e é desse ponto que o historiógrafo deve partir: todo texto científico ou de natureza semiótica apresenta uma estrutura, porque nasceu de uma mente estruturada.

A manipulação de informações feita por quem produz um discurso, só pode ser pelo prisma de suas intenções e paixões, daí ser todo texto uma fração do real, ou estar ligado aos fatos do mundo real, registrando seus efeitos na vida cotidiana de um tempo; entretanto, como o discurso registra a versão compreendida por um único indivíduo, neutraliza a possibilidade de verdade absoluta. Assim sendo, ou o texto é ficção ou é teoria. O tratamento/nomeação de *ficção* recebido pelos textos produzidos como arte literária, geralmente lhes confere certo grau de inverdade. A teoria não é também uma versão definitiva para aquele assunto, e, apesar de o revestimento de verdade geralmente subvencionado por uma pesquisa, ela não pode ser garantida como mimese do real.

Qualquer percurso histórico de uma ciência pode demonstrar esse fato: as muitas sobreposições de teorias, desenvolvidas em muitos lugares, sempre são frações da verdade total de um objeto de estudo. Não é diferente com a ciência da linguagem, exemplificando, a grosso modo, quando se coloca em perspectiva o século XX, pode-se ver uma seqüência de teorias e discursos sobre os mesmos ou diferentes objetos, continuando e/ou rompendo o processo estabelecido. Mas, de um modo geral, pode-se decompor esse século num período inicial estruturalista, tendo como objeto a descrição do plano de expressão das línguas naturais; um segundo período em que o estruturalismo requeria maior conhecimento da formação do conteúdo e da atuação do falante na composição da significação; e, nas décadas finais, um terceiro, a discussão da atuação do indivíduo na produção dos sentidos.



Os discursos são dependentes de seus predecessores e não há possibilidade de interpretar um discurso isolado/afastado da história. A compreensão de uma inteligência lingüística depende de conhecer o jogo de memórias e de formações ativadas naquele contexto, ou seja, nenhum discurso é independente. Do ponto de vista de sua enunciação, nenhum discurso é uma ruptura completa, a fórmula da competência lingüística humana prevê o aprendizado formativo, sempre transmitido de uma geração a outra. Em síntese, para produzir discurso é preciso passar por uma estruturação lingüística antes: é preciso dominar a fórmula já existente, para tentar melhorá-la, então.

## **Conclusão**

Quando se escreve um texto que tenha como tema e metodologia a Historiografia Lingüística, uma pergunta fica evidente, como se explica historiograficamente a Historiografia Lingüística? É isso que se tenta fazer aqui. Em primeiro lugar, partindo do pressuposto metodológico de que o pensamento sempre está orientado pelo pensamento passado e que o recorte que qualquer manifestação de pensamento faz está sempre orientado pelas experiências no mesmo paradigma, é preciso demonstrar, mesmo que superficialmente, os antecessores paradigmáticos da Historiografia Lingüística.

Como fez Saussure no *Curso de Lingüística Geral*, deve-se começar por falar do passado, daqueles de quem se herdou o que se tem. Em Saussure a distinção dos estudos sobre língua de apresentarem a necessária divisão em Lingüística diacrônica e Lingüística sincrônica, esclareceu que a estrutura funciona sempre em dois eixos, um de relações internas entre as partes e outro de relações de continuidade, em que cada

elemento é um elo de uma infindável corrente de transmissão de caracteres fonéticos, morfológicos e sintáticos. Mesmo que não se tenha aqui o objetivo de negar ou afirmar teorias de *língua mãe* ou de *biodiversidade lingüística*, é inegável em um caso ou em outro o contexto da herança característica entre as línguas.

A herança teórica é um importante elemento formador de pensamento na Historiografia Lingüística. Aplicada ao texto, a teoria saussuriana promove o estudo dele como estrutura em funcionamento, como fazem as teorias de análise, e como estrutura formada por heranças de experiências na língua, fonológica, morfológica e sintática, e de experiências da enunciação teóricas, sociais, idiossincráticas, etc., como faz a Historiografia Lingüística. Isso resulta numa afirmação bastante óbvia, ninguém que não tenha experiência com Lingüística poderia se aplicar a estudar Historiografia Lingüística, e isso vale para qualquer estrutura de pensamento, ou seja, é preciso experimentar para ser capaz de discursar sobre aquele tema.

Logo, quando se pensa na Historiografia Lingüística numa estrutura diacrônica, é preciso reconhecer as teorias que dariam base para discussão historicista do texto, aquelas que estão evidentemente ligadas à realidade diacrônica das línguas, como teorias globais, que são Filologia, Gramática Comparada e Neogramática. Na Neogramática, Saussure desenvolveu sua cientificidade e, da herança de suas leituras, a Lingüística do início do século XX. No campo dos estudos históricos, como herança do pensamento antropocêntrico, surgiu da Escola dos *Annales* a Historiografia. Ambas se desenvolveram muito durante o século XX, a Lingüística se ligou a todas as ciências humanas, biológicas e exatas. A historiografia, como sua antecessora a História, sempre esteve ligada a todas as ciências, na medida em que tudo tem uma Historiografia.

Assim, o inevitável aconteceria no final do século XX, quando um necessário esforço revisor começa a se construir. A proposta de Eugênio Coseriu (1980) de que os

estudos sobre linguagem têm períodos teóricos seguidos de períodos historicistas, parece refletir o desenvolvimento do pensamento na humanidade, ou seja, quando o desenvolvimento teórico começa a levar à fragmentação completa da compreensão do objeto, de tal forma que o que é feito para fazer compreender o objeto, causa a incompreensão, ocorre algo, que parece natural no ser humano, que é o retorno às origens. Desse devaneio aqui manifestado, pode-se concluir que o surgimento de teorias historicistas na final do século XX, em específico a Historiografia Lingüística, tenha sido consequência do desenvolvimento teórico da Lingüística, que busca agora um retorno às fontes, e do natural processo humano de juntar teorias.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1995.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Filologia Românica*. São Paulo, EDUSP, 2005.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo, Pontes, 2003.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

----- *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980. Trad. de Evanildo Bechara.

----- *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990. Trad. y prólogo de Ana Agud.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*. São Paulo, UNESP, 2002.

PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia. As grandes teorias da Linguística, da Gramática Comparada à Pragmática. São Carlos, Clara Luz, 2006. Trad. de Rosário Gregolin e equipe.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1995 [1971], 18ª ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

SCHLEICHER, August. *Les Langues de l'Europe moderne*. Paris, Garnier, 1852.